

## **CINEMA E SUBJETIVIDADES. DA IMPONDERABILIDADE DO CAMPO DE PESQUISA À FORÇA DO INSTRUMENTO**

Cristiano José Rodrigues – PPGE/UFJF

Este texto é fruto das primeiras impressões do campo de pesquisa de minha tese de doutorado em andamento. Nele procuro identificar os sentidos construídos por professores em formação quando expostos ao cinema documentário. Não se trata de uma análise dos dados ainda, mas procuro aqui refletir sobre os impactos que o pesquisador está sujeito em sua relação corporal e emocional com o campo e as adaptações que vão se fazendo necessárias nos instrumentos de pesquisa. Busco no referencial teórico da perspectiva histórico cultural, principalmente em Vigotski e Bakhtin as pontes de acessos aos dados e as primeiras vozes reveladas no campo. Todos os encontros foram gravados em áudio e vídeo e todos os pesquisadores presentes fizeram suas devidas notas de campo, o presente texto é fruto das sensações de apenas um pesquisador anterior à análise das gravações e das notas de campo dos outros pesquisadores.

Em minha pesquisa de doutorado investigo as potencialidades do cinema documentário para a formação de professores. Interessa-me, em particular, os processos de educação estética e os atravessamentos da arte e da cultura na formação docente, pensando na formação como constituição de sujeitos comprometidos ética e esteticamente em suas realidades e cotidianos. Mais do que formar professores, o processo de tornar-se professor passa pela constituição desse sujeito e se faz revelador nos seus movimentos pelos espaços urbanos e imaginários em que ele se desloca durante sua formação. Portanto, a disposição desses sujeitos em frequentar espaços de arte e cultura como: museus, cinemas, galerias, teatros, shows musicais, sites, livros e revistas vai contribuindo, para a constituição desse “ser professor” imerso em processos estéticos. No que se refere ao cinema, o desafio é grande, pois a imposição de um padrão comercial pela indústria cultural, força a distribuição dos bens de consumo dificultando o acesso e impondo um gosto médio. É bem verdade que a rede mundial de computadores já alterou substancialmente esse quadro, mas o percurso ainda é longo.

Um dos meus campos de pesquisa se configurou numa Mostra de Cinema, realizada em uma Faculdade de Educação de uma Universidade Federal Brasileira, produzida por um Grupo de Pesquisa. A Mostra, que está em sua quarta edição, se configura como curso de Extensão para professores em formação inicial. A edição que foi o meu campo de pesquisa tinha como eixo curatorial o “Cinema como Narrativas de

si”. A curadoria procurou estabelecer obras que instituíam o sujeito, como narrador de suas histórias e que para se narrar, esses sujeitos, através das personagens das obras e/ou diretores, utilizavam sons e imagens para comporem seus relatos. Os filmes foram os seguintes:

**1) A Câmara de Madeira (2003) – África do Sul -dir. Ntshaveni Wa Luruli**

Sinopse: África do Sul. Uma localidade perto da cidade do Cabo, depois do Apartheid. Duas crianças – Madiba e Sipho – brincam na linha do trem. Um trem passa e um homem morto cai –lhes aos pés. Nele, encontram um revólver e uma câmera de filmar. Sipho escolhe o revólver, Madiba escolhe a câmera. Ele esconde a câmera dentro de uma caixa de madeira para evitar perder o seu novo brinquedo. Através das lentes, o seu dia-a-dia ganha uma nova beleza. Enquanto Sipho vai enveredando pelo mundo do crime, Madiba mostra-se mais interessado em captar a cidade e os seus elementos. Com um olhar atento e diferenciado as imagens de Madiba recriam seu mundo e sua experiência.

**2) Cien Niños esperando el tren (1988) - Chile – dir. Ignacio Agüero**

Sinopse: O filme conta a história de um grupo de crianças chilenas que descobrem uma realidade maior e um mundo diferente através do cinema. A cada sábado, a professora Alicia Veja transforma a capela Lo Hermida em uma sala de projeção de filmes. Das dezenas de crianças envolvidas, muitas nunca tinham visto um filme e na oficina aprendem sobre fotogramas, argumentos, projeção, ângulos de câmera, movimentos, gêneros de filmes e muito mais. A experiência com o cinema começa a integrar e modificar a realidade das crianças e da comunidade.

**3) El Erizo(2009) – França – dir. Mona Achache**

Sinopse: a História do encontro inesperado entre alguns moradores de um elegante edifício em Paris: Paloma Josse, uma menina de 11 anos, altamente inteligente e com um plano secreto, Renée Michel, porteira discreta e solitária em sua aparência rude e personalidade ranzinza que esconde sua inteligência e sua cultura, e o enigmático Sr. Kakuro Ozu, um homem que acaba de se mudar para o prédio. Desse encontro surge a re-significação das ações e dos papéis sociais de cada um. A menina Paloma utiliza uma câmera de vídeo para criar um relato biográfico de sua experiência no mundo.

Adaptação do livro “A Elegância do Ouriço” de Muriel Barbery, publicação de grande sucesso na França e editado no Brasil pela Companhia das Letras.

4) **33 (2003)** – Brasil – dir. Kiko Goifman

Sinopse: Kiko Goifman é filho adotivo e, no ano em que completa 33 anos, decidiu procurar sua mãe biológica. A partir de pistas, dadas por detetives particulares de São Paulo e Minas Gerais, o cineasta parte nessa jornada, documentando com humor e ironia todo seu trajeto em um diário on-line que foi transformado em material para o filme. O título do filme refere-se ainda ao número de dias que o diretor/personagem se impôs para a investigação. Uma reflexão “noir” de um relato biográfico e subjetivo. A experiência de junção entre personagem, diretor e narrador da história contada.

5) **Tarnation (2003)** – Estados Unidos — dir. Jonathan Caouette

Sinopse: Sinônimo de Damnation, condenação, expulsão, Tarnation remete-nos a um universo maldito. Primeiro filme de Jonathan Caouette, trata-se de um auto-retrato que apresenta seu crescimento no seio de uma família caótica e disfuncional. O documentário relata o inesperado relacionamento com a sua mãe, que tem doença mental. Feito com base em imagens capturadas durante 19 anos, na maioria pelo próprio diretor, com diferentes tipos de câmera, junto a fotografias, gravações de secretárias eletrônicas e diários gravados em áudio. A memória de uma família revirada pelo impulso de um jovem criador. Filmes de família e registros pessoais revelando a experiência do narrador em re-significar a sua história.

Pensando em estabelecer um instrumento de pesquisa que me permitisse alcançar os sentidos construídos pelos participantes em contato com as obras (filmes), eu criei um instrumento que denominei de “falação pós-fruição”. Uma roda de conversa onde eu atuasse mais como provocador do que como mediador das falas. Planejei propor um deslocamento dos corpos na sala de cinema: depois da sessão a proposta era que todos se deslocassem para o palco, sentássemos no chão em círculo, privilegiando o olho no olho para iniciarmos a “falação”. Tudo muito cuidado e pensado para possibilitar conforto e prazer aos participantes.

A beleza e a força de um campo de pesquisa, principalmente quando se trabalha numa perspectiva histórico-cultural, são: a imprevisibilidade do instante, a força do

momento e o protagonismo dos sujeitos. Esses fatores me levaram a redimensionar minhas ações e a criar estratégias que remodelassem o instrumento para que eu ouvisse a intensidade das vozes que foram aparecendo.

#### A imprevisibilidade do instante

O instante é realmente surpreendente e cabe ao pesquisador se fazer presente e inteiro a cada transcorrer. A re-configuração espacial pensada para a realização do instrumento foi proposta por mim no final da fruição da primeira sessão, a do filme “A Câmara de Madeira”. Os presentes se surpreenderam e aos poucos foram se deslocando para frente da sala de cinema, alguns poucos chegaram ao palco e se instalaram em círculo no chão, como proposto, a maioria se instalou nas cadeiras das primeiras fileiras do anfiteatro. Esse desconforto em se deslocar no espaço e maior ainda em se colocar em círculo, já se configurava como vozes produzidas por esses sujeitos, fato esse que só pude perceber após a confecção da notas de campo.

Outro elemento imprevisto foi a configuração dos sujeitos participantes. Inicialmente o curso de Extensão, seria voltado para alunos da Graduação em Pedagogia e Licenciaturas, portanto professores em sua formação inicial. No entanto, nunca se pretendeu fechar essa participação e torna-la uma exclusividade desse público. Assim sendo, fomos surpreendidos com a participação de alunos do Mestrado em Educação, uma aluna do curso de Artes e Design, dois alunos do Curso de Comunicação Social, um aluno do Doutorado em Filosofia além do público flutuante de cada sessão que vinha para assistir a um filme específico. Dentre esse público tivemos a participação de duas professoras do curso de Pedagogia, um ator, duas professoras aposentadas da Faculdade de Educação e várias professoras da rede pública de ensino da cidade. Se, por um lado, esses novos sujeitos poderiam intimidar os alunos da graduação em suas falas, e no início acredito que o fizeram; por outro lado eles trouxeram profundidade para as discussões, e deslocamentos surpreendentes dos enunciados, pois miravam as obras e a “falação” de um outro lugar, diferente dos estabelecidos pela graduação. Essa diversidade foi extremamente rica para que esses sujeitos “professores em formação” se colocassem e se projetassem em novos ambientes culturais espalhados pela cidade e para que o pesquisador percebesse a riqueza do diálogo estabelecido entre essas diferenças.

“...o objeto com o qual o pesquisador educacional trabalha é multidimensional, mutante, complexo e, para ser significado, precisa estabelecer mediações com um sujeito que carrega toda a complexidade das configurações da existência humana...A pesquisa em educação tem-se confrontado com a necessária tarefa de superação dos conceitos de linearidade, de previsibilidade, de controle – dos quais o sentido da concepção de ciência esteve historicamente impregnado -, sem que, no entanto, esse propósito venha a realizar-se em detrimento do rigor científico, de sua consistência e plausibilidade.”(GHEDIN, 2008,p.104)

No lugar de restringir esses novos sujeitos ou dimensionar suas falas, o movimento da pesquisa, ao contrário, foi aos poucos incluindo-os e tornando-os parte ativa do processo. Assim, eles foram integrados ao evento , pois “vamos construindo nossas consciências com diferentes palavras que internalizamos e que funcionam como contrapalavras na construção dos sentidos do que vivemos, vemos, ouvimos, lemos”. (Geraldí, 2010, pág.88). O imprevisto das falas e o diálogo dos enunciados, mais do que a percepção individual de um participante específico, foi se configurando como impressões do grupo, pois as falas eram refletidas e refratadas nos comentários, nas expressões faciais, nas exclamações, nos sorrisos e nas lágrimas dos participantes. Por vezes algum comentário era apoiado ou não por outro, com sua contra palavra, mas o que ficava latente era a ampliação da percepção do filme com as impressões pessoais de cada participante que refletia na reflexão do grupo.

No planejamento do campo, a pesquisa esperava dimensionar o sujeito específico do enunciado, relacionando sua história, sua trajetória e seu lugar pessoal de fala. No entanto, a imprevisibilidade do momento e a trama das contra palavras, criou uma série de vozes dos sujeitos enquanto grupo. A refração e reflexão dos enunciados no grupo, foram reveladoras de uma configuração peculiar: o grupo criou, o que Jean Louis Comolli (2008) chama de “comunidade de cúmplices”. Onde os envolvidos acreditam duvidando, ou duvidam acreditando do que percebem do filme e nesse jogo entre credo e dúvida, compartilham algo secreto, impalpável como uma senha secreta de emoções e percepções. Com isso, cabe agora ao pesquisador olhar os sujeitos (históricos, potentes, individualizados), mas em configuração no grupo, na relação. E isso faz toda a diferença.

Perceber cada instante do campo de pesquisa como evento único, nos coloca inteiros e intensos na relação com os sujeitos. Nesse sentido uma das professoras participantes do projeto comentou em uma das sessões que na escola onde desenvolvia uma pesquisa sobre aprendizagem havia se deparado com um fato peculiar: um garoto de oito anos, com imensas dificuldades de aprendizagem havia mobilizado toda a sua turma em torno da realização de um “filme” e esse material já havia sido todo captado e aguardava uma ajuda de alguém que dominasse técnicas de edição para finalizar o filme. Como a Mostra de Cinema tinha a temática do sujeito como autor de sua história, percebi que havia encontrado na história do garoto uma maneira singular de mostrar aos participantes da Mostra, o que pode um sujeito quando tomado pelo desejo de realização. Mobilizamos as competências técnicas para, junto ao garoto, finalizar o filme e criamos uma sessão de encerramento do curso de extensão “Cinema como narrativas de si” com o lançamento do filme do garoto, onde ele e sua professora vieram à Universidade para apresentar aos participantes o filme e a extrema coragem e sensibilidade dessa professora ao acreditar no desejo do garoto.

“Ao atribuímos valor crucial ao evento, assumimos que a relação com a singularidade é da natureza do processo constitutivo dos sujeitos, com a precariedade própria da temporalidade que o específico do momento implica, a instabilidade dos sujeitos – e da história – não é um problema a ser afastado, mas ao contrário é inspiração para compreender a vida, assumindo a irreversibilidade de seus processos” (GERALDI, 2010, p.88)

### A força do momento

Apesar da aparente disposição natural do homem para a fruição estética, os processos de encontro com a arte estão muito distantes de vivências prazerosas e confortantes. O sujeito é solicitado por um objeto artístico (filmes) e a disposição de permissão desse contágio é fundamental. É certo, que muitas vezes esses objetos nos atropelam e criam uma relação avassaladora e sem nossa permissão. Mas pensando nas vivências estéticas em que o sujeito opta pelo encontro, a disposição da ordem do sujeito pode definir a potência do mesmo.

...a percepção de uma obra artística representa um trabalho psíquico difícil e árduo. Evidentemente, a obra de arte não é

percebida com uma total passividade do organismo, nem apenas com os ouvidos ou os olhos, mas mediante uma muito complexa atividade interna em que a visão e a audição são apenas o primeiro passo, o impulso básico. (VIGOTSKI,2003,p.229)

Visão e audição, assim como os outros sentidos, podem ser experiências compartilhadas. Aí está a possibilidade de a educação estética ser colocada, como compartilhamento do sensível. Esse compartilhamento leva os sujeitos envolvidos a estarem numa posição equânime em relação à experiência. No instante da fruição todos são iguais ali, pois o que está em jogo é o que excede à experiência, o espaço da subjetivação.

Esse espaço de subjetivação no campo de pesquisa ganhou contornos não imaginados pelo pesquisador. Os filmes acionaram particularidades dos sujeitos, que confiantes na “comunidade de cúmplices” se expuseram de forma intensa e inesperada. Dessas partilhas sensíveis, duas se destacaram na coragem de seus autores e revelaram a força do momento tanto da fruição da obra quanto do instrumento “falação”: Na sessão do filme “A Câmera de Madeira”, um dos participantes revelou ao grupo sua fixação por armas, ponderando que essa fixação o levou a se tornar um colecionador e nem por isso se configurava como uma pessoa violenta. Essa informação proferida em um espaço acadêmico de formação de professores foi extremamente forte para o grupo; na sessão do filme “El Herizo”, uma participante, confessou ao grupo, extremamente emocionada, que havia a poucos meses passado por uma experiência de ter ficado em coma profundo. Esses relatos, mais do que confiança mostraram cumplicidade do grupo e a força do instante, além de exigir do pesquisador uma habilidade instantânea para acolher esses compartilhamentos sem alardes e encara-los como dados expressivos na pesquisa.

Outro dado revelador da intensidade do instante foi a atitude corporal dos participantes. O corpo imerso na fruição das obras respondia ativamente aos estímulos e a pesquisa precisou se abrir para ouvir essas vozes. Comentários, risadas, sorrisos, choros, lágrimas, incômodos na cadeira, mãos nos cabelos, pernas inquietas, etc foram se configurando como elementos enunciativos, discursivos mesmos da intensidade daquela experiência. Se por um lado é extremamente delicado para o pesquisador designar impressões de relatos corporais, por outro é maravilhoso procurar esses indícios nas atitudes corporais e mais do que estar atento a elas é necessário estar presente com elas no espaço. Nesse sentido, a sessão do filme “Tarnation” foi

extremamente potente, pois coube ao pesquisador partilhar com o grupo seu estado de desconhecimento da obra, como revela um trecho da nota de campo:

“Abri a sessão dando boas vindas aos participantes e dizendo da minha curiosidade a respeito do filme Tarnation, disse que era o único filme que não conhecia e como dividi a curadoria da mostra com o Eduardo Malvacini, nessa sessão estava completamente “virgem”, como a maioria da platéia em relação à programação do dia. Confessei que esse sabor é ainda melhor, pois os sentidos ficam mais aguçados aguardando uma experiência nova, desconhecida e compartilhar isso é muito emocionante.” (nota de campo 5, 2013, p.1)

Esse correr o risco junto aos sujeitos da pesquisa da pesquisa, aproveitando a força do evento, trouxe confiança e cumplicidade entre pesquisador e pesquisados, prova disso foi o transcorrer do último encontro. Na agenda do último dia da Mostra, tínhamos programado receber a visita da Professora e do Garoto, assistir ao filme do garoto e uma “falação” final de avaliação de todo o curso, além da entrega dos participantes de um relato escrito da experiência. Porém, dois imprevistos alteraram um pouco a programação.

No mesmo dia, em horário anterior ao da Mostra, a sala de Cinema tinha sido ocupada por um grande evento da Faculdade de Educação e quando chegamos para organizar o espaço para iniciar o último encontro, para a nossa surpresa, a sala estava decorada com flores, mesa com toalha e toda a pompa de um grande evento, assim, aproveitamos a decoração, o que deu um charme ao nosso último encontro. Outro dado é que os certificados, que comprovavam a participação no curso, estavam prontos. Assim, aproveitando esse clima festivo de decoração e entrega dos certificados, me ocorreu uma pequena alteração no “cerimonial” de nosso último encontro.

Um detalhe me chamou atenção durante todos os encontros: os sujeitos que falavam durante os debates (falação) dos filmes eram quase sempre os mesmos. Havia uma pequena alteração de acordo com o dia e o filme em questão. Porém, um dado relevante era que várias pessoas, extremamente assíduas, nunca emitiam suas opiniões verbalmente. Tentando alterar esse quadro, inventei uma estratégia em nosso encontro final. Imprimindo um clima de descontração, com a idéia festiva de decoração e entrega de certificados, brinquei com a idéia de formatura e fui chamando um a um na frente da



sala para entrega dos certificados. Porém, ao entregar eu fazia uma pequena enquete para enfim ouvir as vozes das pessoas que mantiveram-se em silêncio. Foi de uma intensa emoção esses momentos e essas falas e fomos surpreendidos com palavras cheias de cumplicidade. Algumas, eu reproduzi aqui extraídas da nota de campo do dia:

“Esses filmes me tiraram da minha zona de conforto e me fizeram olhar para o outro com novos olhos”

“Porque a gente não fala nas discussões vocês acham que não nos importamos com o filme. Tem dia que chego em casa e nem consigo dormir pensando no filme.”

“Acho que agora vocês poderiam pensar em oficinas que ensinam a gente a pegar na câmera e fazer filmes também. E façam isso antes de eu me formar, pois quero muito participar.”

“Adorei tudo. O cinema me fez olhar pelos olhos do outro. Falo muito, sou polêmica e aprendi a pensar no olhar do outro”.

“Os filmes que a gente vê aqui são muito interessantes. Não são do tipo que ligamos a TV e encontramos.”

“Nos debates eu não costumo falar, mas fiquei uma semana falando de um filme que via aqui. Falava com todo mundo que conheço..”

“Eu gostei de tudo, mas me encantei com o trabalho da professora chilena no filme “100 crianças esperando o trem”. Ela mostrou que é possível, com poucos recursos, apresentar o cinema e a magia para as crianças.”

“Os filmes com crianças me tocaram mais, vi do meu lugar de professora. O 100 crianças e o Madiba, da “câmera de madeira” me encantaram e me mostraram outras formas de educar.”

“Teve um filme que mexeu muito comigo. Chorei, me emocionei. Foi muito forte!”

“Para mim, esse último filme, o Tarnation, foi o mais forte e surpreendente. Fiquei impressionada com a coragem do personagem em se expor e surpresa de como é possível com registros de família construir uma história.”(nota de campo 6, 2013, p.2)

## O protagonismo dos sujeitos

O empoderamento gradativo dos sujeitos durante o transcorrer das sessões foi um dado visivelmente perceptível. Na maneira de se comportarem ao chegarem a sala de

exibição, nos comentários, nas rodas de conversas e até na maneira de se vestirem. A medida que o grupo ia ganhando coesão, harmonia e cumplicidade os sujeitos iam imprimindo suas marcas pessoais nesses detalhes de relacionamento. As conversas iniciais ao chegarem e esperarem o início do filme, foram se tornando mais amistosas, alegres, as roupas e cabelos foram ficando mais cuidadas, a atitude corporal mais incisiva, mais vibrante. Dava para perceber que aos poucos os sujeitos se preparavam para aquele encontro semanal. Essas observações, são extremamente difíceis de serem consideradas. Mais que dados de potência desses sujeitos, são indicadores desse empoderamento, e como nos aponta Rey:

“El proceso de definición de indicadores es, de hecho, un proceso de construcción teórica de complejidad creciente, donde el indicador se vuelve un elemento de relación entre los diferentes niveles de la producción teórica y las zonas de sentido del objeto a que dichos niveles dan acceso. De esta forma el indicador es parte del proceso permanente en que se va construyendo el conocimiento y representa uno de los elementos esenciales que facilitan la viabilidad del proceso de conocimiento. El indicador no tiene valor como elemento aislado y estático, sino como parte de un proceso dentro del cual aparece en estrecha interrelación con otros indicadores.”  
(GONZALEZ REY, 1999, p. 115)

O desafio maior agora é a identificação, e o posterior cruzamento dessa diversidade de indicadores e a sua relação com os dados levantados. No entanto, a riqueza da pesquisa está na abertura do pesquisador para a diversidade de enunciados que surgem na inconstância do campo, na impoderabilidade do instante e na força expressiva dos sujeitos.

Muitos foram os ensinamentos e descobertas dessa experiência, mas uma se destaca, como nos aponta Bakhtin

“Todo gesto ou processo do organismo: a respiração, a circulação do sangue, os movimentos do corpo, a articulação, o discurso interior, a mímica, a reação aos estímulos exteriores (por exemplo, a luz), resumindo, tudo que ocorre no organismo pode tornar-se material para a expressão da atividade psíquica, posto que tudo pode adquirir um valor semiótico, tudo pode torna-se expressivo.”  
(Bakhtin, Volochinov, 2010, p.53)

E que a potência de enunciado dessas vozes só é percebida no encontro. Quando esse encontro é mediado e possibilitado pela arte, e em nosso caso pela arte cinematográfica, eis que ocorre a magia da expressão das subjetividades e compartilhamento do que temos de mais precioso. Assim, o inesperado e as adaptações feitas durante a realização do campo da pesquisa só confirmaram a extrema impoderabilidade do instante e a força do instrumento “falação”, que junto a todos os indicadores me fizeram perceber melhor a intensidade das vozes. Vozes essas que surpreendentemente foram se instalando para além do falado e do escrito, mas no vivido, no pensado, no aclamado.

#### Referências bibliográficas:

BAKTHIN, Mikhail/ Volochinov . *Marxismo e Filosofia da Linguagem* . São Paulo: Hucitec, 2010.

COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e Poder. A inocência perdida: cinema, televisão, ficção,documentário.* Belo Horizonte Editora da UFMG, 2008.

GERALDI, João Wanderley . *Ancoragens – Estudos bakhtinianos.* São Carlos: Pedro João Editores,2010.176p.

GHEDIN, Evandro. *Questões de Método na Pesquisa em Educação/ Evandro Ghedin, Maria Amélia Santoro Franco – São Paulo: Cortez, 2008.*

GONZALEZ REY, Fernando. *La investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafios - São Paulo: EDUC, 1999.*

Nota de Campo Número 5.p.1. Dia: 06/01/2013

Nota de Campo Número 6.p.2. Dia: 20/02/2013

VIGOTSKI, Liev Semionovich. *Psicologia Pedagógica – Porto Alegre: Artmed, 2003.*